

Realeza, cristianização e sacralização de espaços bélicos na Northúmbria (séc. VII)

Prof^a Ms. Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato

Doutoranda em História Comparada (PPGHC/IH/UFRJ)
nazarethlobato@oi.com.br

Resumo

As relações entre Igreja, poder real e belicosidade constituem um dos aspectos do processo de cristianização dos reinos anglo-saxões. Nesse sentido, o artigo pretende destacar o papel atribuído por Beda à realeza da Northúmbria, nas pessoas de Edwin e Oswaldo, no início da cristianização desse reino, em especial durante o reinado de Oswaldo, cuja atuação nos campos de batalhas ensejou a sacralização dos mesmos e, posteriormente, fez de Oswaldo o primeiro rei anglo-saxão santificado.

Palavras-chave: Realeza, Cristianização, Northúmbria.

Abstract

The relationships between Church, royal power and war are one aspect of the process of Christianization in Anglo-Saxon kingdoms. In this sense, this paper intends to point out the role that Bede attributes to Northumbrian royalty in the person of Edwin and Oswald in the beginnings of Christianity in that kingdom, particularly during the reign of Oswald whose action in battlefields converted them into sacred places and, latter, made Oswald the first sacred Anglo-Saxon king.

Keywords: Royalty, Christianity, Northumbria.



Figura 1: Povos da Inglaterra, c. 600.

In: SHEPERD, William R. *The Historical Atlas*. 1926 edition.

Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Britain_peoples_circa_600.svg

Acesso: 23/04/2012

O cenário insular na época da chegada de Agostinho

No ano do Senhor de 597, um grupo de missionários desembarcou em Thanet, uma ilha situada ao sul do território que, séculos mais tarde, viria a ser conhecido como *Engla lond*, a Inglaterra. Enviados pelo papa Gregório Magno e liderados por Agostinho, sua missão consistia em levar o cristianismo aos anglo-saxões que, em meados do século anterior, haviam conquistado o referido território. Foi o primeiro passo de um caminhar para cujo avanço foi fundamental o apoio concedido pela realeza, o qual resultou na conversão e conseqüente expansão do cristianismo nos reinos anglo-saxões sob seu domínio. Tal processo tem na *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* seu primeiro relato. Escrita por Beda no mosteiro northumbiano de Jarrow e concluída em 731, a *Historia* constitui a principal fonte para os estudos sobre a cristianização dos anglo-saxões (Wood 2008: 120). Dentre as várias cópias da obra, feitas tanto na Northúmbria quanto no restante do continente europeu ao longo do medievo, quatro sobrevivem em manuscritos do século VIII (Farmer 1990: 19). Baseada em documentos até onde foi possível ao seu autor, e fruto de amplas investigações, a *Historia ecclesiastica* relata a maior parte do que é conhecido acerca dos eventos da época (Campbell 1991: 53).



Figura 2: *Historia ecclesiastica gentis Anglorum*.

British Library, MS Cotton Tiberius C. II, folio 60v.

Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:TiberiusBedeFolio60vInitialA.jpg>

Acesso: 07/06/2012 (Domínio Público)

Às vésperas do *Adventus Saxonum*,¹ o cristianismo não era desconhecido na região meridional da então Bretanha, onde se encontrava estabelecido desde o final do século IV. Contudo, após a chegada de seus novos habitantes – anglos, saxões e jutos, todos eles pagãos – essa mesma região tornou-se predominantemente, senão totalmente, mais uma vez pagã. Nos condados de Essex, Sussex e Surrey, em particular, um paganismo profundamente enraizado perdurou até o século VII (Blair 1966: 222-223), e a religião cristã desapareceu quase totalmente.

O local onde Agostinho e seus companheiros desembarcaram localizava-se em Kent, um dentre os vários reinos anglo-saxões que dividiam o recém-conquistado território, e aos quais a tradição costuma denominar de “heptarquia”, compreendendo os sete reinos de Kent, Essex, Sussex, Wessex, Ânglia Oriental, Mércia e Northúmbria. Tal classificação, no entanto, constitui uma simplificação do esquema de Beda acerca dos três povos que ocuparam as referidas regiões, uma vez que tal denominação teria surgido apenas na primeira metade do século XII, quando Henry of Huntingdon lançou mão do rótulo em sua *Historia Anglorum*. Portanto, muito embora a noção de heptarquia ainda prevaleça nas concepções sobre a primitiva história anglo-saxã, atualmente ela é considerada como uma grosseira distorção, pois a realidade era bem mais complexa, em virtude da existência de outros reinos que, por sua vez, poderiam ser divididos entre co-herdeiros ou até mesmo entre os vários membros de uma mesma família real (Keynes 2008b: 53).

A monarquia anglo-saxã

A monarquia não se assentava sobre o princípio da primogenitura, mas sobre o da hereditariedade. O trono deveria passar para um membro da família real (Blair 1966: 239), não necessariamente um filho. Desse modo, qualquer membro masculino da realeza poderia suceder ao trono, desde que contasse com o apoio e a aceitação dos demais. Na prática, isso significava que os próprios parentes poderiam ser os mais perigosos inimigos de um rei. Tal sistema sucessório podia gerar contendas, as quais, por sua vez, resultavam em exílio. Esse foi o caso da Northúmbria na primeira metade do século VII, onde o sucessor imediato de Ethelfrith não foi nenhum de seus filhos, e sim seu cunhado Edwin, cujo filho, por sua vez, não foi seu sucessor.

A realeza northumbriana oferece-nos, portanto, um bom exemplo acerca das rixas familiares em torno da sucessão monárquica. No final do século VI, a Northúmbria era uma região situada ao norte do Humber – daí sua denominação² – e formada por dois reinos, Bernícia e Deira, cada um com sua linhagem real. A união de ambos ocorreu após a morte de Elle, rei de Deira, cuja filha havia se casado com o rei da Bernícia, Ethelfrith, que anexou Deira e passou a governar toda a região da Northúmbria. Edwin, filho do falecido rei, temendo ser assassinado, partiu para o exílio, perambulando por vários reinos até encontrar refúgio junto a Redwald, rei da Ânglia Oriental. Após a morte de Ethelfrith, em 616, numa batalha contra o exército formado por Redwald para combatê-lo, Edwin retornou à Northúmbria e assumiu o controle tanto sobre Deira quanto sobre a Bernícia. Com isso, foi a vez de Oswaldo e Oswy, filhos de Ethelfrith e da irmã de Edwin, partirem para o exílio, como forma de proteger suas vidas (Holdsworth 2008: 163).

A segurança de um reino dependia da habilidade de seu rei para vencer batalhas e intimidar seus vizinhos. Desse modo, ele assegurava o recebimento de tributos, através dos quais poderia distribuir riquezas a seus seguidores (Blair 1966: 252). Para melhor compreender esse mundo do poder, no qual o rei era seu principal representante, costuma-se recorrer ao poema *Beowulf*, único épico secular sobrevivente em inglês antigo, visto fornecer indícios sobre a natureza do poder dos reis anglo-saxões. Nesse poema, quatro aspectos sobressaem: a importância do séquito nobre do rei, o qual também incluía membros oriundos de outros reinos; a indissolúvel conexão entre sucesso e presentes de ouro, visto que um bom rei doava e, como guardião do tesouro, criava expectativas de lealdade por parte de seus seguidores; a grande quantidade de armas de boa qualidade, consideradas como verdadeiras preciosidades, e sobre as quais os tesouros descobertos em Sutton Hoo fornecem elementos que se aproximam do poema; e, finalmente, a interminável insegurança associada às rixas entre famílias, decorrentes do sistema de sucessão, mencionado anteriormente (Campbell 1991: 54-68). Tais aspectos descrevem, portanto, funções e atributos de uma realeza anglo-saxã desprovida de qualquer conotação de cunho religioso.

Além disso, havia uma hierarquia entre os detentores do poder, o que tornava a dignidade real um tanto relativa. Nessa pirâmide, a base era ocupada pelos reis secundários e subalternos, cuja posição hierárquica se devia ao fato de serem membros de dinastias conquistadas ou beneficiários de uma herança dividida. Acima destes, estavam os reis maiores e, no topo da pirâmide, ficavam os reis maiores ainda (Campbell 1991: 53). A tradição considera que, desde tempos remotos, teria havido um dentre eles que detinha uma posição de proeminência sobre os demais. Tal posição, que não era de natureza hereditária e nem relativa a alguma família ou reino em especial, era obtida e preservada através da proeza militar. Beda considera-os como reis que

exerceram um *imperium*, isto é, um tipo de autoridade diferente daquela detida por um governante dentro dos limites de seu próprio reino (Blair 1966: 241-242). Na *Crônica Anglo-Saxônica* são denominados *bretwaldas*, palavra do inglês antigo que significa “governantes da Bretanha” ou “amplos governantes” (Campbell 1991: 53). Isso explicaria o fato de a conversão de reis identificados como *bretwaldas* ter levado à conversão de outros reis a eles subalternos. Foi o caso, por exemplo, de Ethelberto I de Kent e Oswaldo da Northúmbria, responsáveis, respectivamente, pelas conversões de Saberto, rei dos saxões orientais, e de Cynigils, rei dos saxões ocidentais.

Igreja e monarquia: um novo perfil para a realeza anglo-saxã

Tal era, em linhas gerais, o cenário político encontrado pelos missionários dispostos a cristianizar os reinos anglo-saxões. O reino de Kent nos fornece o mais antigo exemplo das expectativas de Roma quanto aos atributos régios a serem adotados pela realeza anglo-saxã. Nesse reino, o cristianismo não era de todo desconhecido, pois Bertha, esposa de Ethelberto I, de origem franca e cristã, desfrutava de total liberdade para professar sua religião, cujos preceitos eram ministrados por um bispo igualmente franco. O rei converteu-se menos de um ano após a chegada de Agostinho, o qual se estabeleceu em Canterbury sob a proteção real (Blair 1966: 225-226).

A conversão de Ethelberto, a primeira de um rei anglo-saxão, originou uma carta de Gregório Magno, escrita em 601 e cuja cópia Beda nos dá a conhecer em sua obra (*EH I*, 32).³ Dirigida a “[...] nosso excelente filho, o mais ilustre rei Ethelberto, rei dos ingleses”, nela se percebe, de imediato, que o todo poderoso rei doador, descrito no secular *Beowulf*, assume, na clerical missiva do pontífice, uma condição de simples intermediário das dádivas divinas: “A razão pela qual Deus Onipotente eleva bons homens para governar nações é porque, através deles, Ele pode conceder as dádivas de Sua misericórdia sobre todos os quais eles governam”. Ethelberto é orientado pelo papa no sentido de conservar zelosamente a graça a ele concedida por Deus através da propagação da fé cristã entre seu povo, cuja conversão deve constituir sua primeira preocupação. Para tanto, o rei deverá mostrar a seus súditos “[...] um exemplo através de suas boas ações”, reprimindo o culto aos ídolos e destruindo seus santuários, devendo, ainda, elevar o padrão moral de seu povo através do encorajamento, da informação, da persuasão e da correção. Desse modo, sua recompensa, garantida por Deus, será o reino de Cristo. Além disso, seu nome tornar-se-á glorioso para a posteridade, pois seu mérito irá ultrapassar o de todos os reis que o antecederam.

No caso da Northúmbria pagã, o cristianismo também não era desconhecido no âmbito da família real, pois o rei Edwin (616-633) havia se casado com a cristã Ethelberga, filha do rei e da rainha de Kent acima mencionados. Tal como havia sido exigido de seu sogro, Edwin foi obrigado a respeitar a religião da esposa, que chegou à corte northumbriana acompanhada de Paulino, membro de um novo grupo de missionários que havia chegado à Inglaterra⁴ em 601 (Blair 1966: 225-226).

A conversão de Edwin, contudo, foi bem mais demorada, ensejando uma intervenção da Santa Sé na pessoa de Bonifácio V, em carta cujo ano Beda identifica como c. 625 (*EH II*, 10). Dirigindo-se ao rei como “ilustre Edwin, rei dos ingleses”, Bonifácio procura esclarecer o soberano acerca da submissão do poder temporal a Deus, pois, como criador de todas as coisas e de todos os homens, “A Ele estão sujeitos todo o poder e toda a autoridade imperial; porque é através Dele que a realeza é conferida”. Desse modo, é possível notar que o pontífice faz alusão à teoria – baseada na definição estabelecida por Santo Ambrósio no século IV e ressuscitada pela Igreja no século seguinte – segundo a qual tanto o imperador quanto qualquer rei cristão estavam dentro

da Igreja, e não acima dela (Ullmann 1983: 40). Edwin também é aconselhado a destruir os ídolos, pelo qual será recompensado com a vida eterna, a ser concedida pela generosidade divina.

Apesar dos apelos da Santa Sé, a conversão de Edwin só ocorreu dois anos depois, e em decorrência de dois fatores. O primeiro, de natureza mística, deveu-se a uma visão que teve quando em exílio, durante o reinado de seu antecessor (*EH II*, 12). O segundo, de natureza política, foi sua determinação de só aceitar a fé cristã se o conselho real – ou *witan* -, formado pelos seus principais homens, concordasse com sua conversão. Após o consentimento de seus conselheiros, entre os quais estava seu sumo sacerdote – que se encarregou pessoalmente da destruição dos altares e dos locais de culto pagãos – Edwin finalmente foi batizado na Páscoa de 627, juntamente “[...] com toda a nobreza de seu reino e uma grande quantidade do povo mais humilde” (*EH II*, 13). A partir de então, Edwin concedeu a Paulino ampla liberdade em seu trabalho de evangelização (Blair 1966: 228)

Alguns anos após sua conversão, Edwin recebeu uma carta de encorajamento do papa Honório I (*EH II*, 17), e na qual se revela uma mudança na atitude da Santa Sé quanto ao tratamento a ele concedido. Apenas “ilustre Edwin, rei dos ingleses” na carta anterior, de Bonifácio V, dessa vez a carta de Honório destina-se “Ao mais excelente filho, o mais ilustre Edwin, rei dos ingleses”. Elogiando o “sincero caráter cristão” de Edwin, o qual “tem brilhado por toda a parte”, sendo “falado no mundo inteiro” e tendo “recebido uma rica colheita pelas suas obras”, Honório afirma que, pelas suas orações, o rei será recompensado com o “aumento de seu reino e povo” e com sua ida “sem culpa ao Deus Onipotente”.

A “rica colheita pelas suas obras”, mencionada por Honório, pode ser interpretada através da expansão territorial e política obtida por Edwin, pois, de acordo com Beda (*EH II*, 5), Edwin foi o quinto *bretwalda* de uma lista de sete, tendo sido um rei poderoso que governou todos os povos da Bretanha, tanto anglos quanto bretões, à exceção do povo de Kent. Quanto ao aumento de seu reino e de seu povo como recompensas a serem recebidas, Honório I faz, a nosso ver, uma alusão à doutrina da Igreja relativa à principal função do poder temporal. Segundo o papa Leão I, tal função consistiria em contribuir para a realização dos desígnios de Deus sobre a Terra, visto reis e imperadores terem recebido a espada para administrar os bens do mundo a serviço da aplicação dos princípios do cristianismo. Tal argumento resgatava a afirmação de S. Paulo, para quem o príncipe não sustenta a espada sem razão (Ullmann 1983: 41). Com efeito, Beda (*EH II*, 20) informa-nos que, durante os seis últimos anos de seu reinado, Edwin trabalhou para o reino de Cristo até o dia de sua morte, ocorrida em uma feroz batalha contra os pagãos, liderados pelo igualmente pagão Penda, rei da Mércia. Decapitado na batalha, sua cabeça foi levada para a igreja que ele havia começado a construir em honra ao apóstolo Paulo, tendo sido colocada no pátio dedicado a Gregório Magno.

Portanto, através do relato fornecido por Beda, é possível notar que a Igreja, longe de reprimir o caráter guerreiro da realeza, utilizou sua belicosidade a serviço da expansão do cristianismo, forjando, desse modo, um novo perfil para os reis anglo-saxões. Dentre eles sobressai, na obra de Beda, a figura de Oswaldo.

Oswaldo e a expansão do cristianismo

Devido às rixas familiares em torno da sucessão, descritas anteriormente, Oswaldo viveu exilado entre os escotos de Dal Riada, na atual Escócia, onde foi convertido ao cristianismo pelos monges de Iona. Com a morte de Edwin, a Northúmbria passou por um breve retorno ao paganismo, na pessoa de Cadwalla de Gwynedd. Reivindicando seu direito ao trono, Oswaldo matou Cadwalla na batalha de Heavenfield, próximo a Hexham, em 634. A partir de então, foi reconhecido como rei de toda a região da Northúmbria (Holdsworth 2008: 347).

Tão logo iniciou seu reinado, Oswaldo pediu ajuda ao mosteiro de Iona para restabelecer o cristianismo,⁵ e foi assim que um pequeno grupo de monges, liderado por Aidan, se estabeleceu na ilha de Lindisfarne em 635, dando início a um trabalho missionário que resultou na fundação de igrejas e mosteiros e na expansão do cristianismo por todo o reino (Blair 1966: 229-230). Tal empenho de Oswaldo nos é dado a conhecer por Beda, para quem “Igrejas foram construídas em vários lugares, e as pessoas se reuniam de boa vontade para ouvir a palavra de Deus, enquanto o rei, em sua liberalidade, dava terras e rendas para o estabelecimento de mosteiros [...]” (EH III, 3). Desse modo, ao final de vinte anos, Aidan e seus seguidores já haviam conseguido restabelecer a religião cristã no reino northumbriano (Stenton 1971: 119).

No que concerne aos atributos de Oswaldo, Beda (EH III, 6) inicia seu relato afirmando que Oswaldo havia recebido de Deus um reino terrestre maior do que o de seus antepassados, visto ter sob sua autoridade “[...] todos os povos e províncias da Bretanha falando as quatro línguas, bretão, picto, irlandês e inglês” (EH III, 6). Entretanto, Beda não deixa claro se Oswaldo, tal como Edwin antes dele, obteve esse reino terrestre através de conquistas territoriais, ou se simplesmente herdou o território anteriormente obtido pelo seu antecessor. Sem negar o “auge de poder” territorial alcançado por Oswaldo, Beda, contudo, constrói um perfil do soberano centrado no caráter cristão do mesmo. Nesse perfil sobressaem atributos tais como a humildade, a amabilidade e a generosidade para com os pobres e os estrangeiros. No quesito generosidade, Beda relata um episódio ocorrido na festa da Páscoa, quando Oswaldo sentou-se para jantar com Aidan, e diante deles foi colocada uma travessa de prata contendo uma “rica comida”. Nesse momento, Oswaldo foi avisado por um funcionário que uma grande multidão se encontrava do lado de fora, suplicando por esmolas do rei. Diante disso, Oswaldo imediatamente ordenou que sua comida fosse levada aos pobres, e que a travessa de prata fosse quebrada e seus pedaços distribuídos entre eles (EH III, 6).

Oswaldo, “um homem amado por Deus” (EH III, 1), governou durante um breve período de nove anos. A nosso ver, muito embora seu caráter belicoso tenha sido atenuado por Beda, foi através de sua ação nos campos de batalha que Oswaldo usou sua espada a serviço do cristianismo. Assim como Edwin, Oswaldo também foi morto por Penda, o rei pagão da Mércia, em uma feroz batalha em defesa da fé cristã, tendo sua cabeça igualmente arrancada do corpo, assim como suas mãos e braços (EH III, 9 e 12).

No final do século VII, Edwin e Oswaldo foram objetos de culto. Reis guerreiros mortos em batalha, sua santidade justificava-se pelo combate às crenças pagãs de seus inimigos (Campbell, 1991: 68). O culto a Edwin, estabelecido por sua filha Eanfled em Whitby, foi, no entanto, eclipsado pela imensa propagação do culto a Oswaldo (Holdsworth, 2008: 164), cujos milagres, amplamente descritos e valorizados por Beda,

ocorreram, inicialmente, nos dois locais onde Oswaldo travou sua luta contra o paganismo: Heavenfield e Maserfield.

Heavenfield e Maserfield: a sacralização de espaços bélicos⁶⁶

A luta de Oswaldo contra Cadwalla pelo trono da Northúmbria assume, na narrativa de Beda, um caráter de luta contra o paganismo. Oswaldo “[...] reuniu um exército pequeno em número, mas forte na fé de Cristo” (*EH III*, 1) e, a despeito da superioridade bélica de Cadwalla, este foi morto em um local atualmente conhecido como New Rowley Water (Farmer 1990: 144). De acordo com Beda, antes da batalha Oswaldo ergueu uma cruz, ajoelhou-se diante dela e pediu a Deus que ajudasse aos que Nele acreditavam. O próprio Oswaldo, “com fé ardente”, tomou a cruz, segurando-a na posição correta até seus soldados colocarem-na firme na terra. Então, se ajoelhou e, juntamente com seus soldados, pediu proteção a Deus contra a selvageria de seus inimigos. Ao amanhecer, seu exército avançou contra o inimigo e obteve a vitória “que sua fé merecia” (*EH III*, 2).



Figura 3: Santo Oswaldo em prece diante da cruz.

Ilustração de Charles Robinson. In: DEARMER, Percy. *The Little Lives of Saints*. London : Wells Gardner, Darnton & Co., 1904.

Nesse local, inúmeros milagres de cura começaram a ocorrer como lembrança e demonstração da religiosidade do rei, de tal forma que, ainda nos tempos de Beda, lascas de madeira da cruz sagrada eram retiradas e colocadas dentro da água que, bebida ou espargida, recuperavam a saúde do doente (*EH III*, 2). Milagres também foram realizados através do musgo que cresceu na cruz, e cujo contato com o corpo promoveu a cura do braço fraturado de um irmão da igreja de Hexham.

Para Beda, o nome desse local preconizava os futuros acontecimentos envolvendo Oswaldo:

Esse local é denominado em inglês Hefenfelth, significando ‘o campo celestial’, cujo nome, conferido sobre ele há muito tempo atrás, foi um correto presságio dos futuros eventos, predizendo que lá o sinal celestial seria

erguido, uma vitória celestial obtida, e maravilhas celestiais reveladas. (*EH* III, 2)

Heavenfield localizava-se próximo a Hexham, na Bernícia, onde, até então, “[...] não havia nenhum símbolo da fé cristã, nenhuma igreja ou altar em toda a Bernícia até o novo líder cristão Oswaldo, motivado pela sua devoção à fé, erguer esse emblema da cruz sagrada antes de travar batalha contra seus implacáveis inimigos” (*EH* III, 2). Heavenfield acabou se transformando em local de peregrinação dos irmãos da igreja de Hexham, realizada anualmente na véspera do aniversário da morte de Oswaldo. Tal fato acabou levando os referidos irmãos a construir uma igreja no local, “[...] o qual fez dela mais honrada e santificada do que todas as outras” (*EH* III, 2).



Figura 4: Saint Oswald's Church em Heavenfield, Northumberland.

Autoria: Bill Henderson, 2006. Disponível em:

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:St_Oswald's_Church_Heavenfield_-_geography.org.uk_-_297358.jpg – Acesso: 23/04/2012.

Se Heavenfield marcou a ascensão de Oswaldo à realeza northumbriana, Maserfield, em 642, marcou o seu final. Foi lá que o rei travou sua última batalha em prol do cristianismo, quando encontrou a morte nas mãos de Penda, rei da Mércia. Ao perceber que seu fim estava próximo, Oswaldo rezou pelos seus soldados, pedindo a Deus misericórdia pelas suas almas, encerrando sua vida em oração. Penda ordenou que a cabeça, as mãos e os braços de Oswaldo fossem arrancados e fixados em estacas (*EH* III, 12).

A exata localização de Maserfield ainda é tida como incerta, havendo dois locais reivindicando tal condição: Maserfield, em Lancashire, e Oswestry, em Shropshire. Contudo, os argumentos de alguns editores da obra de Beda pendem a favor de Oswestry, situado próximo à fronteira com o País de Gales (Farmer 1990: 157n; Moberly 1881: 158n; Stevenson 1838: 177n). Nesse local, inicialmente *Oswaldstre*, “a árvore de Oswaldo”, também surgiu uma fonte, denominada Santo Oswaldo, bem como uma igreja a ele dedicada (Moberly 1881: 158).



Figura 5: St. Oswald's Parish Church em Oswestry, Shropshire.

Autoria: Tonythepixel, 2008. Disponível em:

[http://en.wikipedia.org/wiki/File:Oswestry - St.Oswald%27s Parish Church](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Oswestry_-_St.Oswald%27s_Parish_Church)

Acesso: 27/04/ 2012.

Entretanto, se o local da batalha é incerto, os milagres de cura que ocorreram no local da morte de Oswaldo não tinham, aos olhos de Beda, nada de duvidoso. Pelo contrário, para ele era algo muito natural, visto durante sua vida Oswaldo ter providenciado para que doentes e necessitados recebessem esmolas e ajuda. Tais milagres eram obtidos através do contato com a terra, seja através de sua dissolução na água – como no caso da terra de Heavenfield –, seja através do contato direto com o corpo. Quanto a este último, Beda relata o caso de uma garota paraplégica que deitou no local e foi curada, o mesmo acontecendo com o cavalo de um viajante (*EH III*, 9). Essa terra também tinha poder contra o fogo, como demonstrou em um relato sobre o incêndio que destruiu uma casa inteira, exceto a viga onde estava pendurada uma roupa que continha um pouco da terra na qual o sangue de Oswaldo havia sido derramado. Tal milagre foi contado por toda a parte, e as pessoas começaram a afluir a Maserfield, transformado em local de cura. O poder de cura de Maserfield ultrapassou fronteiras, tendo chegado à Irlanda, onde um homem retornou “[...] da porta da morte por meio das relíquias de Oswaldo”, no caso um pedaço da estaca na qual a cabeça de Oswaldo havia sido afixada (*EH III*, 13).

Um ano após a morte de Oswaldo, o rei Oswy, seu irmão e sucessor, retirou do local a cabeça, as mãos e os braços de Oswaldo. A cabeça foi enterrada na igreja de Lindisfarne, as mãos e os braços, incorruptos, na cidade real de Bamburgh (*EH III*, 12). Alguns anos depois, quando da transferência de seus restos mortais para Bardney, em Lincolnshire, milagres começaram a ocorrer também no túmulo de Oswaldo, no qual uma luz celestial passou a surgir todas as noites, e pessoas com possessão demoníaca, além de um garoto com febre, foram curados (*EH III*, 11 e 12).

Os milagres de Oswaldo não se limitaram à presença dos enfermos nos locais sagrados ou ao contato com suas relíquias. Expandiram-se para além da Northúmbria, chegando a um mosteiro em Sussex, vitimado por uma grave epidemia que havia dizimado vários de seus irmãos, mas cuja erradicação foi atribuída a Oswaldo. Um garoto saxão recém-convertido, tomado pela doença, teve uma visão dos apóstolos Pedro e Paulo, os quais anunciaram o fim da epidemia no mosteiro. Todos seriam curados, exceto o garoto, que seria libertado pela morte e levado para os céus. Tal favor estava sendo concedido por Deus pela intercessão do devoto rei Oswaldo, porque “[...]”

hoje é aniversário da morte do rei em batalha, pelas mãos dos pagãos, quando ele foi levado para as alegrias das almas no céu e inscrito entre a companhia dos santos” (EH III, 14). A partir de então, “[...] o celestial aniversário do guerreiro de Cristo rei Oswaldo foi comemorado a cada ano pela oferenda de missas, não apenas nesse mosteiro, mas também em muitos outros lugares” (EH III, 14).

Espaços sacralizados no medievo

Mencionamos anteriormente que tanto Edwin quanto Oswaldo foram objetos de culto no século VII. O culto a Edwin foi estabelecido por sua filha Eanfled em Whitby, mosteiro situado na região de Deira. Contudo, a despeito da honrosa morte de Edwin em sua luta contra o paganismo, e do culto estabelecido por sua filha, Beda nada menciona acerca de uma atuação *post mortem* de Edwin ou do local onde morreu. Já o processo de sacralização de Heavenfield e Maserfield, o qual resultou na posterior santificação de Oswaldo, permite inserir a narrativa de Beda no processo mais amplo da construção da santidade no Ocidente europeu.

Dentre as dimensões apontadas por Gajano (2006) em relação ao fenômeno da santidade no Ocidente, destacamos os aspectos social, institucional e político como representativos do contexto no qual a *Historia ecclesiastica* foi produzida. Em seu aspecto social, a santidade constitui um fator de coesão e de identificação dos grupos e das comunidades. Enquanto dimensão institucional, articula-se à fundação das estruturas eclesiásticas e monásticas. Finalmente, no que concerne à sua dimensão política, a santidade seria o ponto de intercessão entre religião e poder (Gajano 2006: 449). De fato, na periodização proposta pela autora, a época de Beda corresponderia ao período no qual a santidade era uma prerrogativa de cada igreja local ou das comunidades monásticas, sendo também uma época na qual as autoridades, tanto políticas quanto eclesiásticas, empenhavam-se na proibição de cultos de natureza mais popular (Gajano, 2006: 459).

Definida como “[...] o lugar de uma mediação bem sucedida entre o natural e o sobrenatural, o material e o espiritual, o mal e o bem, a morte e a vida” (Gajano 2006: 449), a santidade apresenta-se como dimensão de uma sacralidade difusa, expressando-se através de objetos (como as relíquias de contato e as imagens), de lugares (santificados pela presença do santo, vivo ou morto) e do tempo (coincidências entre aniversários litúrgicos e momentos da vida social) (Gajano 2006: 450).

Todos esses elementos estão presentes na narrativa de Beda sobre Oswaldo. As relíquias de contato foram fornecidas tanto pela terra dos campos de batalha quanto pela madeira – da cruz, no caso de Heavenfield, e da estaca, no caso de Maserfield –, às quais podemos acrescentar o musgo que cresceu na cruz de Heavenfield. Quanto aos lugares santificados pela presença do santo, vivo ou morto, Heavenfield e Maserfield são lugares onde Oswaldo se fez presente em vida e também após a morte, já que partes de seu corpo ficaram expostas durante um ano em Maserfield, e os milagres de cura lá ocorridos atestavam sua presença mesmo depois de morto. Além disso, a transferência de seus restos mortais para Bardney fez deste um novo local santificado pelos milagres ocorridos no túmulo do rei. Os túmulos, aliás, constituíram, ao longo de toda a Idade Média, “[...] a mais significativa manifestação da excepcionalidade dos santos” (Gajano 2006: 453). Finalmente, no que diz respeito às associações com o calendário, o anúncio da cura a ser realizada no mosteiro de Sussex coincidiu com o dia do aniversário de morte de Oswaldo, no caso 5 de agosto.

O relato de Beda sobre Heavenfield e Maserfield inscreve-se, ainda, na função da paisagem enquanto lugar sagrado, a qual “[...] não é simplesmente um pano de fundo da narrativa, mas um elemento que interage com as virtudes e os milagres do santo e que faz parte de sua singularidade histórica” (Gajano 2006: 454).

Considerações finais

Cinco séculos haviam se passado quando William of Malmesbury, ao se referir ao milagre da cura no mosteiro de Sussex, afirmou que “[...] o nome de Oswaldo foi, desde esse período, inserido entre os mártires, o qual antes, por conta de sua morte recente, havia sido admitido apenas na lista dos fiéis” (*Chronicle of the Kings of England* II, 13). A época precisa dessa passagem de Oswaldo de fiel a mártir não é mencionada, nem por Beda, nem por Malmesbury. Entretanto, de acordo com o manuscrito de Worcester da *Crônica Anglo-Saxônica*, o registro relativo ao ano de 906 refere-se ao rei como Santo Oswaldo, por ocasião de mais uma transferência de seu corpo, dessa vez de Bardney para Gloucester (*Anglo-Saxon Chronicle* 1998: 95), no contexto da ocupação viking ocorrida no norte da Inglaterra.

Muito embora os milagres de Oswaldo não tenham se limitado ao âmbito de Heavenfield e Maserfield, ambos, enquanto lugares sacralizados, revelam-se como pontos de partida para a construção da santidade de Oswaldo. Portanto, graças à obra de Beda, Oswaldo tornou-se o primeiro rei anglo-saxão santificado, inaugurando uma linhagem de representantes da realeza⁷ que, devido à sua atuação exemplar dentro da Igreja e a favor dela, se distinguiram dos demais pela obtenção do *status* de santidade.

Fontes

- ANGLO-SAXON CHRONICLE. Translated and edited by Michael Swanton. New York: Routledge, 1998.
- BEDE. *Ecclesiastical History of the English People*. Ed. D. H. Farmer. Translated by Leo Sherley Price, revised by R. E. Latham. 3rd ed. rev. London: Penguin, 1990.
- VENERABILIS BAEDAE. *Historia ecclesiastica gentis Anglorum...* Ed. George Herbert Moberly. Oxonii: E. Typographeo Clarendoniano, 1881.
- VENERABILIS BEDAE. *Historia ecclesiastica gentis Anglorum*. Ed. Joseph Stevenson. Londini: Sumptibus Societatis, 1838.
- WILLIAM OF MALMESBURY. *Chronicle of the Kings of England...* Ed. J. A. Giles. London: Bell & Daldy, 1866.

Bibliografia

- BLAIR, Peter Hunter. *Roman Britain and Early England: 55 B.C.- A.D. 871*. New York: W. W. Norton, 1966.
- CAMPBELL, James. The first Christian kings. In: CAMPBELL, James. (Ed.). *The Anglo-Saxons*. London: Penguin, 1991, p. 45-69.
- FARMER, D. H. Introduction. In: BEDE. *Ecclesiastical history of the English people*. Ed. D. H. Farmer. Translated by Leo Sherley-Price, revised by R. E. Latham. 3rd ed. rev. London: Penguin, 1990, p. 19-35.

- GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, v. II, p. 449-463.
- HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008.
- HOLDSWORTH, Philip. Edwin, King of Northumbria. In: LAPIDGE, Michael et al. (Eds.). *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2008, p. 163-164.
- _____. Oswald. In: LAPIDGE, Michael et al. (Eds.). *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2008, p. 347-348.
- KEYNES, Simon. Adventus Saxonum. In: LAPIDGE, Michael et al. (Dir.). *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2008a, p. 5-6.
- _____. Heptarchy. In: LAPIDGE, Michael et al. (Eds.). *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2008b, p. 233.
- STENTON, Frank M. *Anglo-Saxon England*. 3rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1971.
- ULLMANN, Walter. *Historia del pensamiento político em la Edad Media*. Barcelona: Ariel, 2006.
- WOOD, Ian. Conversion. In: LAPIDGE, Michael et al. (Eds.). *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2008, p. 120-122.

NOTAS

¹ Também conhecida como *Adventus Anglorum*, foi a primeira chegada dos germanos à Bretanha, evento que a tradição costuma datar como tendo ocorrido em meados do século V. A noção de *Adventus Saxonum* teve sua origem em Gildas e foi posteriormente adotada por Beda, que situou o episódio entre 449 e 456, durante o governo conjunto dos imperadores Marciano e Valentiniano. Cf. Keynes 2008a, 5-6.

² O Humber é um grande estuário localizado na costa leste da Inglaterra, e onde desembocam dois importantes rios da rede fluvial inglesa, o Ouse e o Trent.

³ Adotamos a edição em inglês moderno, *Ecclesiastical history of the English people*, doravante identificada pela sigla *EH*. A tradução dos trechos transcritos ao longo do artigo são de nossa autoria.

⁴ O termo Inglaterra está sendo usado em seu sentido geográfico contemporâneo, e não como o Estado politicamente organizado no qual se tornou vários séculos após o período anglo-saxão.

⁵ A evangelização dos anglo-saxões foi realizada, simultaneamente, por missionários romanos ao sul e por missionários irlandeses ao norte. Estes últimos, em meados do século VII, haviam se estabelecido na ilha de Iona, onde, em virtude de seu isolamento em relação à Roma, praticaram um cristianismo mais independente. Cf. Blair 1966: 224; Hill 2008: 171. Quanto à presença dos monges irlandeses na Northumbria, durante quase trinta anos seu mosteiro em Lindisfarne permaneceu como sede do único bispado existente na região northumbriana. Cf. Stenton 1971: 118.

⁶ Hefenfelth e Maserfelth, nas edições em latim e em inglês. Optamos, contudo, pela grafia moderna de ambos, respectivamente Heavenfield e Maserfield.

⁷ Além de Oswaldo, foram santificados os reis anglo-saxões Edmundo (m. 869), Eduardo, o Mártir (975-978) e Eduardo, o Confessor (1042-1066), bem como vários outros membros de famílias reais anglo-saxãs que se dedicaram à vida religiosa, incluindo mulheres.